



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega da última fase das obras de reconstrução do cais do
Porto de Itajaí**

Itajaí-SC, 27 de outubro de 2010

Meus queridos companheiros e... *(o público canta parabéns para o Presidente, pelo seu aniversário)* Obrigado, obrigado. Eu queria, primeiro, agradecer o carinho de vocês, agradecer a presença de cada mulher, de cada homem de Itajaí e de Santa Catarina, agradecer ao ministro Pedro Brito, ao Paulo Sérgio, ao Paulo Bernardo e ao nosso companheiro ministro Gregolin.

Quero agradecer aqui a presença do companheiro José Fritsch, ex-ministro.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Ideli Salvatti, senadora da República,

Os deputados federais Cláudio Vignatti, Décio Lima, João Matos e Nelson Goetten,

Quero cumprimentar o Bellini, o prefeito de Itajaí, por intermédio de quem cumprimento os demais prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Eurides Mescolotto, presidente da Eletrosul,

Quero cumprimentar o companheiro Antônio Ayres, superintendente do Porto de Itajaí,

E quero cumprimentar o Charles Bastos, presidente do Sindicato dos Estivadores, por meio de quem eu quero cumprimentar os trabalhadores que construíram esta obra e os que trabalham no Porto,

Quero cumprimentar a deputada estadual Ana Paula,

Quero cumprimentar o companheiro Décio Góes... Já saiu daqui o Décio Góes? Ou tem dois Décio Góes aqui?



_____: Décio Lima.

Presidente: Ah, Décio Lima, desculpe.

E cumprimentar o Jailson Lima,

E cumprimentar o nosso querido companheiro ex-prefeito, o deputado estadual eleito, o Volnei Morastoni,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa aqui presentes,

Quero cumprimentar os empresários que construíram esta obra e os empresários que trabalham aqui no Porto,

E dizer para vocês que eu queria começar pedindo um minuto de silêncio em homenagem à morte de um senador da República, o senador Romeu Tuma, que morreu ontem em São Paulo.

Muito obrigado, companheiros.

O senador Tuma, nos anos 80, teve um... eu fui preso em [19]80, por conta das greves dos metalúrgicos do ABC, o Tuma era delegado e ele me prendeu, e eu fiquei 31 dias preso... Mas, eu tenho recordação da minha prisão, mas eu tenho também a recordação de que a minha mãe estava com câncer e ela estava, praticamente, em uma fase terminal e algumas... alguns dias o Tuma me tirava à noite da cadeia para ir visitar a minha mãe, e também para ir ao enterro da minha mãe, coisa que não era comum naquele tempo permitirem.

Bem, tem gente incomodada porque eu estou de paletó. Deixa eu contar: este paletó é novo, eu ganhei de presente. Ele é tão novo que o bolso dele está costurado. Eu estava tentando colocar coisas no bolso e não conseguia e eu... é a primeira vez que eu tenho um paletó de veludo, eu não posso tirar ele aqui. Eu tenho que suar, mas eu tenho que ficar com o



paletozinho.

Olhe, eu queria, queria que vocês soubessem por que eu fiz questão de voltar a Itajaí, se há pouco mais de 30 dias eu estive aqui. É porque quando eu vim aqui, houve insinuações de que eu estava vindo inaugurar uma obra inacabada. E eu, então, disse naquele dia – o Elino estava presente – que eu voltaria aqui para inaugurar a obra completa. Porque administrar bens públicos é como tirar uma fotografia. Essa moça está aí com essa máquina mirando a minha cara, aqui. Na hora em que ela apertar aquele botão, vai sair exatamente o que a máquina conseguiu captar e produzir. Depois que ela apertar, ela não tem como inventar.

Nós, na administração pública, começamos uma obra, e essa obra, ela está pronta no tempo em que foi possível fazer a obra, porque construir uma obra leva mais tempo do que apenas o discurso fácil de alguns. Nós temos licitações, nós temos o Ministério Público, nós temos briga entre os empresários, nós temos o Tribunal de Contas, nós temos a questão ambiental, ou seja, não é fácil. Para nós seria cômodo fazer como sempre foi feito no Brasil, sabe? Jogar o lixo embaixo do tapete e fazer uma recuperação meia-boca, como já foi feito outras vezes aqui, não tirar a sujeira de baixo, jogar R\$ 300 milhões em cima da sujeira lá no fundo e depois, na outra chuva, iria cair outra vez para a gente consertar. Eu aprendi que pobreza não tem nada a ver com desleixo. Você pode entrar na casa de uma pessoa muito rica e a cozinha estar suja, e você pode entrar na casa de uma pessoa muito pobre e estar tudo limpinho, arejado, com cheiro de coisa bem tratada.

Nós, quando resolvemos recuperar este porto, a nossa palavra de ordem ao companheiro Brito era que nós não queríamos uma reparação meia-boca, daquelas que a gente vem, o povo está revoltado, você faz aí para “inglês ver”, coloca meia dúzia de concreto aí, vai embora, dá a primeira chuva, cai outra vez, e a gente fica aqui culpando Deus. Não. Esta obra, ela foi feita com estacas de 50 metros de profundidade, foram tirados praticamente toda a



sujeira e o entulho que tinha lá embaixo, para que a gente possa evitar que numa próxima chuva este porto venha a sofrer os mesmos danos que já sofreu em outras chuvas na região de Itajaí e em todo o estado de Santa Catarina.

Então, eu fiz questão de vir aqui hoje para inaugurar, definitivamente, a parte que cabia ao conserto, de reparação de danos causados pelas chuvas de 2008. Portanto, missão cumprida, o Porto está recuperado e nós esperamos que aqui cheguem muitos navios e saiam muitos produtos produzidos em Santa Catarina.

Mas, ao mesmo tempo, o Ministro já anunciou que ali na frente, onde está aquele navio, vai precisar fazer um novo berço, vai precisar recuperar e já está previsto no PAC 2. Portanto, eu espero que a gente possa, daqui a um ano, um ano e meio, dois anos, completar a totalidade do Porto de Itajaí e completar a totalidade dos portos brasileiros que nós estamos reparando.

Mas também tem uma coisa importante que me fez vir aqui. Eu acho que haverá um dia neste país que a gente vai poder fazer política com seriedade, que a gente vai poder fazer política sem mentir, que a gente vai poder fazer política olhando na cara de uma pessoa como se estivesse olhando na cara da mãe, na cara de um filho e dizer, pura e simplesmente, a verdade. É por isso que eu pedi para o Paulo Bernardo vir fazer este relatório aqui. Aliás, Paulo, eu vou dizer mais: você, enquanto ministro do Planejamento, tem a obrigação política de, no mês de novembro, antes de terminar o nosso mandato, chamar todos os prefeitos que tiveram a sua cidade atingida pelas chuvas e saber se o dinheiro chegou até eles ou se alguém ficou com o dinheiro no meio do caminho. Porque muitas vezes, muitas vezes, o dinheiro disponibilizado é utilizado para outras coisas e não é utilizado para a finalidade que a gente destinou o dinheiro. Quando a gente destina um dinheiro para enchente, a gente não fica dizendo “é dez para matar rato, é dez para matar barata, é dez...”. A gente disponibiliza uma quantidade de dinheiro, sempre achando que os projetos apresentados foram corretos e honestos.



Então, é importante, companheiro Paulo Bernardo, é importante... eu vi quando você estava fazendo o relatório aqui, as pessoas citando nome de pessoas que eu não vou repetir, citando nome de pessoas. Então, é importante você chamar cada prefeito... Aliás, eu acho que você deveria era convocar a bancada de deputados federais de Santa Catarina e os senadores para discutir com eles e com os prefeitos das cidades atingidas cada centavo que foi liberado para este estado, cada centavo, porque nós não podemos admitir que as pessoas aproveitem a desgraça dos outros para fazer política menor e depois ficarem jogando a culpa que “o dinheiro não veio do governo federal, o governo federal não liberou dinheiro”. Foi liberado cada centavo que foi pedido e foi liberado cada centavo das pessoas que apresentaram projeto. É importante lembrar que o dinheiro público não é meu, e, portanto, eu não posso ficar liberando dinheiro se as pessoas não apresentarem projetos que sejam entendidos como projetos factíveis e projetos importantes, porque senão ali vira a “casa de mãe Joana”, não vira um governo.

Então, Paulo, é importante, como ministro do Planejamento, que você pegue os companheiros deputados de Santa Catarina, de todos os partidos, de todos, pegue os prefeitos da região e faça uma plenária. Se quiser convoque o governador, se quiser convoque o ex-governador, convoque quem quiser, mas para discutir cada centavo. Porque daqui a dois meses eu estarei deixando a Presidência da República, e se tem uma coisa, Paulo, que eu aprendi com uma mulher analfabeta é a andar de cabeça erguida, porque é a única coisa que vale na vida da gente.

Então, eu, sinceramente, não gosto de fazer política de outro jeito. Então nós temos essa responsabilidade. Se a gente tiver culpa... quem tiver culpa no governo vai pagar, mas também quem tiver culpa por aqui, tem que ser publicado quem é que tem culpa. Não dá, não dá, não dá para a gente ficar brigando de esconde-esconde quando se trata de discutir o destino de pessoas que foram vitimadas por chuvas torrenciais que alagaram praticamente todo o



estado de Santa Catarina.

E isso, Paulo, vale para os outros estados também. Agora, mesmo, foi quase R\$ 1 bilhão para o estado de Pernambuco e para o estado de Alagoas, por causa de uma chuva que acabou com 21 cidades. É importante também que a gente reúna as pessoas para a gente saber o que está acontecendo. Muitas vezes, eu tenho medo, é que na hora da chuva todo mundo fala: “Vamos cuidar de tal cidade”. Aí, parou a chuva, parou. “Ah, o dinheiro vai para outra cidade” e não para aquela que foi vítima da enchente. Então é importante, Paulo, que a gente dê uma atenção especial a isso.

E a terceira coisa, companheiros e companheiras, que eu estou aqui é porque... certamente, eu não sei se eu vou vir a Palhoça, na BR-101. Eu não sei se a gente vai poder fazer uma visita. Certamente, eu vou a Osório, no Rio Grande do Sul, inaugurar um túnel, porque faz uns três anos que eu quero inaugurar esse túnel e a perereca não deixava. Agora a perereca foi embora e nós vamos poder inaugurar esse túnel. Mas, possivelmente, porque seja também o último discurso que eu faço como presidente da República aqui no estado de Santa Catarina. Eu não sei se a gente vai ter mais atividades.

Mas eu queria dizer para vocês, companheiros, que eu tenho consciência do que fiz, eu tenho consciência do que falta fazer e tenho consciência de que, por mais que a gente faça, sempre haverá um pouco a ser feito. Por uma razão simples: na hora que o povo vai conquistando as coisas, o povo vai gostando de conquistar e cada vez mais o povo vai querendo mais coisas. Não existe possibilidade de um povo se contentar com o que tem. Haverá sempre um espaço para que a gente queira um pouco mais.

Então, eu estou terminando o meu mandato da forma mais feliz possível. Eu não sei se já houve, na história do Brasil, um presidente que pudesse terminar o mandato do jeito que eu estou terminando o meu mandato. Não sei se já houve, mas, certamente, eu fico muito feliz quando a imprensa publica pesquisa. Eu nunca comentei pesquisa, mas faltando dois meses para terminar



oito anos de mandato, a pesquisa me dá 84% de bom e ótimo, e apenas 3% de ruim e péssimo. Esses 3% devem ser do comitê de alguém, não pode ser nas ruas.

Mas, de qualquer forma, nós terminamos o nosso governo com um momento excepcional. Nós estamos vivendo o menor índice de desemprego da história do Brasil. Enquanto os Estados Unidos têm 10% de desemprego, enquanto a Europa tem 10%, enquanto a Alemanha tem 20%... enquanto a Espanha tem 20%, o Brasil tem 6,2% e algumas cidades e algumas regiões metropolitanas têm 4%, em uma situação de quase pleno emprego que nós estamos vivendo no Brasil.

Eu termino o meu mandato com oito anos em que, praticamente, todos os acordos coletivos feitos pelo movimento sindical brasileiro conseguiram aumento real para os trabalhadores, coisa que eu não consegui quando eu fui dirigente sindical. Eu fiz as maiores greves deste país e voltava a trabalhar sem conseguir, Charles, a reposição da inflação, e eu tenho certeza de que todo ano você conseguiu, além da inflação, um pouco mais.

Eu lembro que quando eu tomei posse, as pessoas brigavam que o salário-mínimo deveria valer US\$ 100, hoje ele vale 300. Eu lembro que o salário-mínimo poderia comprar uma cesta básica; hoje ele pode comprar quase três cestas básicas. Eu lembro que muitas vezes o aposentado não recebia nem o equivalente à inflação; neste ano ele recebeu mais do que a inflação. Eu lembro que quando nós começamos o Bolsa Família, muita gente dizia que era esmola, e hoje o Bolsa Família é responsável por levar uma parte do alimento a 12 milhões de famílias neste país, a quase 44 mil pessoas. Eu lembro que quando nós começamos o programa Luz para Todos, as pessoas diziam que ele não ia acontecer; acabamos de concluir o relatório do mês de setembro, o Luz para Todos já levou energia a 2 milhões e 630 mil residências, atendendo a 12,6 milhões pessoas de graça. E quando chega a luz, chega a televisão, chega a geladeira, chega o liquidificador, chega o aparelho de som,



ou seja, significa que há uma melhoria substancial na vida das pessoas deste país.

Eu fico feliz porque, ao terminar o mandato, eu já sou o presidente da República que mais fez universidades e que mais fez escolas técnicas em toda a história do nosso país. São 14 universidades federais novas, 126 extensões universitárias e 214 escolas técnicas. São 704 mil alunos no ProUni, e nós conseguimos, em um ano e meio, dobrar, com o Reuni, o número de renovação de vagas na universidade federal. Historicamente, o Brasil renovava 113 mil vagas nas universidades federais. Neste ano, renovamos 259 mil, ou seja, uma vez e meia aquilo que a gente vinha renovando. Eu sei que ainda é pouco porque o Brasil passou séculos sem fazer investimentos na educação. Porque a elite brasileira, a elite brasileira que governou este país, como ela já tinha tido acesso à educação, ela achava que o povo não precisava, ela achava que o povo tinha que se contentar em ser pedreiro, em ser metalúrgico, em ser ajudante de pedreiro, quando, na verdade, todo mundo aqui quer ter um filho engenheiro, quer ter um filho médico, quer ter um filho dentista. Nós não queremos ser nivelados por baixo. Nós queremos ter a mesma oportunidade que qualquer segmento da sociedade tem. Nós não queremos ser tratados como se fôssemos cidadãos de segunda categoria. “Ah, eu sou trabalhador, o meu papel higiênico é de segunda classe, a minha comida é de segunda classe, a minha carne tem que ser carne de pescoço ou pé de frango”. Não! Nós queremos comer peito de frango também, nós queremos comer contrafilé, e não apenas acém. Ora, nós queremos ter acesso às coisas porque somos nós que produzimos a riqueza deste país.

Então, ao terminar o meu mandato, eu termino satisfeito com uma coisa simples: foi possível provar, neste país, que um de vocês pode ser presidente da República. Vocês não têm que ter mais o medo que tinham em 1989, quando vocês diziam: “Eu não vou votar no Lula porque ele é um trabalhador igual a mim, ele não tem diploma universitário, ele não sabe governar”. Eu



perdi em [19]89, perdi em [19]94, perdi em [19]98, por conta de um preconceito que nós tínhamos. Às vezes, até eu duvidava se eu tinha competência. Às vezes, eu ficava pensando: será que eu vou dar conta do recado? Será que eu... ali só teve doutor, ali só teve fazendeiro, só teve empresário, só teve advogado, nunca teve um peão.

Então, eu precisei chegar lá para provar que a inteligência não é medida pelo tempo de escolaridade. O tempo de escolaridade mostra conhecimento e aperfeiçoamento específico de uma matéria. A inteligência, você nasce com ela e você aperfeiçoa, até porque o dom da política a gente não aprende na escola. Se a gente aprendesse na escola a política, quem seria um bom presidente seria um cientista político e não um torneiro mecânico. Essa é a lógica!

Então, companheiros, eu deixo, ao terminar o meu mandato, a certeza de que o povo brasileiro deu um passo adiante, de que nós subimos um degrau a mais, de que a juventude tem mais esperança, de que as pessoas mais idosas estão convencidas de que o Brasil melhorou. E quem tiver dúvida, é só olhar... não precisa olhar muito longe. Olha o que era o Brasil em 2002, olha o que era a inflação, olha o que era o FMI, olha o que era a respeitabilidade deste país no exterior. Veja como é que os presidentes deste país eram tratados no exterior. Eram tratados como se fossem menores, como se fossem de segunda classe. As pessoas já andavam... Eu vivi esse tempo, eu vivi esse tempo! Tudo o que era americano era bom, tudo o que era europeu era bom, tudo o que era nosso não prestava! Sabe aquela mania de vira-lata? De que “eu não gosto de mim porque eu não tenho competência”? E o povo brasileiro foi induzido a pensar isso. Fotógrafos, os melhores são de lá; cineastas, os melhores são de lá. Só faltava dizer que jogador de bola e carnaval, os melhores eram de lá, só faltava dizer isso!

Hoje nós temos que levantar a cabeça, cada peão que está com o chapéu aqui na cabeça, cada peão que está com um negócio desses.



Imaginem, se o nosso adversário estivesse com um chapéu desses, não tinha batido o papel. É importante que daqui para frente, nas campanhas políticas, a gente utilize capacete. Eu não vou voltar mais a ser candidato, mas se um dia eu fosse candidato, eu ia usar capacete.

Então, companheiros, vejam... cada um de vocês, cada um de vocês tem que ter a certeza de que o Brasil mudou, e o Brasil mudou porque vocês começaram a mudar, porque vocês estão acreditando em outros valores. Porque quando vocês chegarem à casa de vocês, vocês estão levando o sustento da família de vocês às custas do suor e do sangue de vocês neste trabalho aqui. Vocês nunca mais ouviram falar em invasão de supermercado, vocês nunca mais ouviram falar nas frentes de trabalho que se criavam no Nordeste, Brito. A cada seca, era uma frente de trabalho de miseráveis tirando terra de um lado e colocando terra para o outro, que não valia nada. Acabou, acabou!

Então, companheiros, se vocês aprenderam a levantar a cabeça, eu vou dar um conselho: nunca mais abaixem a cabeça, nunca mais. Sejam humildes, não percam nunca a humildade de vocês, não percam nunca o companheirismo, mas não abaixem mais a cabeça, porque se abaixar a cabeça, eles voltam a colocar uma cangalha no nosso pescoço e a gente não levanta mais a cabeça. Nós conquistamos o direito de andar de cabeça erguida neste país, nós conquistamos o direito de sermos respeitados no mundo inteiro, nós conquistamos o direito de ser capa de todas as revistas internacionais, nós conquistamos o direito de ter melhor engenharia do que muitos outros países, nós conquistamos o direito de ter orgulho por nós mesmos, brasileiros, ou seja, é a nossa autoestima, é o nosso amor-próprio funcionando a todo vapor, e isso eu devo a vocês.

Um abraço, muito obrigado. E parabéns ao povo de Santa Catarina pelo carinho dedicado a mim nesses oito anos de governo.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
